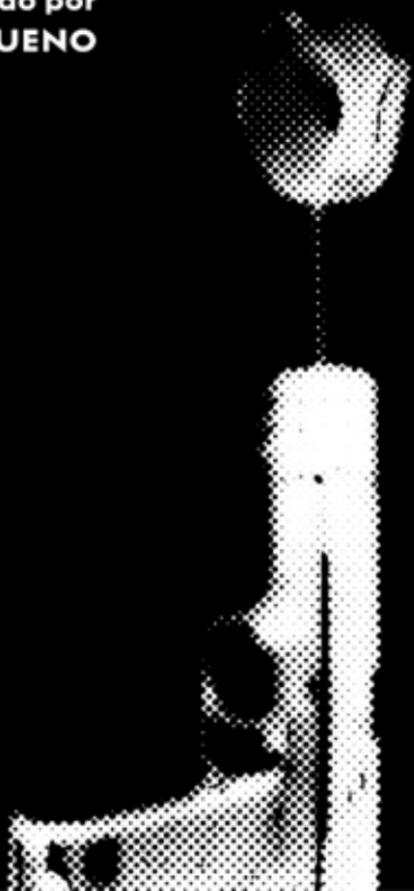




leonard cohen  
**SONGS OF LOVE AND HATE**  
recontado por  
**LÉO BUENO**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

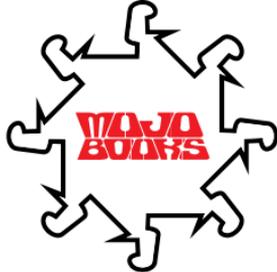


**VOLUME 36**

---

**SONGS OF LOVE AND HATE**  
**leonard cohen**

recontado por **LÉO BUENO**



**VOLUME 35**

---

**SONGS OF LOVE AND HATE**  
**leonard cohen**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

**Açosto de 2007**



*Thanks for the trouble you took from her eyes  
I thought it was there for good so I never tried*

L. Cohen

SONGS OF LOVE  
AND HATE

# AGORA



Pero vai buscar Paloma no aeroporto, mas não a aguarda no portão de desembarque. Ela chega, espera o movimento diminuir, não vê ninguém; caminha com as malas até a saída mais próxima, enxergando borboletas invisíveis no ar, e o encontra. Pero sorri com pressa, para evitar uma situação que os estimule a tirar conclusões, e caminha calmamente até ela. Abraçam-se hesitantes, trocam formalidades. Ela finge não notar que a voz dele está embargada; ele também. Segura-lhe o braço para indicar o caminho do carro e sente-se estranho. Solta-a. Cai um silêncio. Pero pergunta da viagem e enumera as pessoas que vão ficar felizes com o regresso dela; depois fala do tempo, observa os aviões alçando vôo tão perto de suas cabeças, e ele fala de discos que comprou em numa loja que não se lembra onde é. Fala do trânsito no caminho, das saudades que sentiria se ela fosse sua filha e estivesse tanto tempo no exterior.

Fala de tudo, menos de Ale.

## ANTES DE LONDRES

É fim de madrugada e Pero e Ale estão correndo pela praia. A idéia foi de Ale, mas Pero é o primeiro a se lançar numa onda. Há estrelas, muitas, no céu, mas não faz calor. Ale pula o vagalhão com empáfia, como se fosse especialista; seu peso, maior que o de Pero, parece espatifar a formação regular da água. E o mar se espalha pelos olhos do outro. Pero ri, primeiro discretamente, depois muito alto. Deita na areia xingando alguém e espana a sujeira da perna. Ale senta, olhando pro mar — só dá para ver a espuma. Falam das mulheres até que o frio fica insuportável e voltam para casa.



# AGORA

Paloma senta-se no sofá. Uma sensação de familiaridade lhe ataca, não é uma estrangeira naquela casa. Pero vai até o aparelho, põe um CD. Sente, pelo rosto dela, que é uma escolha errada. Troca-o, tentando fazer tudo parecer normal.

Mostra a geladeira, a mesa: está tudo no mesmo lugar, no mesmíssimo lugar, e as comidas, elas também são as mesmas. Ele não quer olhar os olhos dela agora.

Diz que deixou a cama e todo o quarto arrumado, e que a casa lhe pertence.



# EM LONDRES

Ale está numa esquina negociando com um homem estranho. Ele está com olheiras muito profundas e tenta demonstrar experiência, e Paloma olha tudo da outra esquina pensando que é ridículo tentar parecer experiente quando se está comprando heroína.

Ale se descola do vendedor e atravessa a rua gesticulando, e aquele gesto é tudo o que Paloma não queria ver naquele momento.

Atrás dela há um longo caminho, a pé, até o prédio.



## ANTES DE LONDRES

Pero vira o copo de uma só vez. Ale diz:

— É isso aí!

E também bebe bastante – mas não tudo.

— Agora acho que dá, agora dá — diz Pero.

— Então vai lá — responde Ale.

Pero levanta, hesita, senta, enche outro copo, vira tudo.

— Agora, agora, agora — diz, como quem vai pular na água fria. Ale sorri e olha para o outro lado. Pero se levanta.

— Espera aí, leva uma bala, o pai dela vai perceber — fala Ale.

Pero, olhando para todos os lados:

— Uma bala. É, uma bala.

Encontra o balcão e compra. Deixa a conta pro Ale.

Chega à casa dela e, resoluta, toca a campainha. Paloma sorri da janela, abre a porta e caminha dona de si. Abre o portão para ele. Os dois entram.

Os pais dela estão na sala. O pai sorri. Pero sorri de volta; Paloma pega sua mão com a esquerda; com a direita, apóia o queixo no ombro dele.



## EM LONDRES

— É pura, é pura! — diz Ale devagar, num mantra, fechando os olhos e apontando a cabeça para cima. A borracha parece exageradamente apertada perto do cotovelo; o braço parece mais magro. Paloma olha para os próprios braços e esfrega-os com carinho. Esforça-se para engolir uma bola de saliva; parece imensa, e a verdade é que a boca está muito seca.

Ale parece dormir com a borracha presa ao braço, na mão direita, a seringa. Paloma toma-a com cuidado em suas mãos.



## ANTES DE LONDRES

Ale e Pero a cento e cinqüenta na estrada, alguém xinga com os braços na segunda pista. Pero não sabe onde fica, mas Ale sabe.

— Não, o pai dela não vai estar lá; é só ela e os primos. E uns amigos — Pero diz.

— Tá, tá, se não for legal a gente volta amanhã cedo.

— Se não for legal eu volto com você amanhã cedo – retruca Pero.

No toca-fitas, “Oh, My Golly”. Gritam, aos espasmos.

O carro balança.

No sítio, Pero entra primeiro. Ale aparece depois, com o terreno já preparado.

— Prazer — Ale vai dizendo para um e para outro, embora Pero só conheça mesmo Paloma.

No final, Pero aponta e fala:

— Esta é a Paloma.

— Prazer — Ale estende o braço mecanicamente, mas sorri.



# AGORA

Paloma desperta no meio da noite e se encolhe na cama. Fica encolhida, abraçando as próprias pernas, depois olha para fora. Resolve sair, mas, na sala, recua. Abre a geladeira e toma quase um litro de água numa golada só.

Nenhum som vem do quarto de Pero.

Ela senta-se no sofá, liga a TV e não consegue se concentrar. Volta pro quarto e se deita, encolhida sobre as pernas.

No outro quarto, Pero, sozinho numa cama de casal, olha fixo para o teto escuro.



# EM LONDRES

— Cretina, idiota, estúpida, puta, vagabunda — diz Ale, sem dinheiro.

— Filho da puta, palhaço, veado, foda-se — diz Paloma, também.

O céu de Londres está cinza. Um passante não entende uma só palavra, mas ouve um vidro se espatifar.

Paloma enxuga os olhos.



# ANTES DE LONDRES

— Aquele seu amigo... — ela falou por telefone para Pero naquele dia.

— Ah, ele é gente boa — Pero respondeu.  
Mudaram de assunto.



## ANTES DE LONDRES

Pero e Ale dançando na pista, *"This is the day, your life will surely change..."*, Pero segurando uma garrafa de cerveja *long neck*, *"Let me take your hand, I'm shaking like milk..."*, Ale toma um copo de tequila numa talagada, *"I hear you calling, Marian, across the water, across the wave..."*, Paloma pula animada com as amigas num canto, *"Beautiful, Beautiful, girl from the north..."*, Pero vai ao banheiro e volta correndo, *"That's me in the corner, that's me in the spotlight..."*, Ale conversa com uma menina desinteressada, *"Don't know what colour your eyes are, baby..."*, Paloma dança dona de si no canto, suas amigas não estão lá, *"It's that little souvenir of a terrible year..."*, Ale de repente já não está na pista, *"When routine bites hard and ambitions are low..."*, Pero pulou até se encontrar na outra ponta da pista, mas a música, *oh baby*, a música é ótima, *"Tonight I could be with you, or waiting in the wings..."*, e ele abre os olhos e pára, *"I'dancing with myself..."*, e fica parado e resolve fingir que não está vendo o que está vendo do outro lado da pista, *"When you walk*

*without ease on these streets where you were raised...*" e Pero e Ale e Paloma e as amigas vão para casa num carro só, animadíssimos.



SONGS OF LOVE  
AND HATE

## EM LONDRES

Paloma olha pro céu e tenta adivinhar se aquele avião está saindo de Gatwick ou de Heathrow, e fica apontando o lugar de onde ele veio — lá é norte ou é sul? —, e fica com uma vontade danada de simplesmente não voltar para casa, ir em direção ao norte ou ao sul e tomar aquele avião. Mas Ale está esperando e ela pega a sacola quase vazia, pendendo de seu ombro, e anda de cabeça baixa de volta ao centro.



## ANTES DE LONDRES

— Temos algum Blian? — pergunta o inglês e eles riem até que Pero quase cai do sofá.

Ele deposita calmamente o corpo no chão e olha pro alto, onde ainda está Ale, e pergunta:

— Será que os ingleses são sempre assim?

E Ale olha para a janela — o tempo está cinza, muito cinza —, e diz que não, que os ingleses também são como Morrissey e também como Ian Curtis, e Pero diz que é chato não ser inglês e dá mais um gole na latinha, e Ale diz que só indo até lá para ver.

Paloma abre a porta, Ale se mostra surpreso:

— Pô, você tem a chave?

— Como 'a chave'? Eu moro aqui — responde Paloma.

Pero esfrega a barriga em sinal de satisfação:

— Era isso que eu ia te dizer.

Ale sorri, mas não muito, e pergunta desde quando e começam a falar de casamento, os três como se desprezassem essa história de casamento. Ale pede mais uma cerveja.



## EM LONDRES

— Vai, porra, volta pra lá, aquela vidinha de poisé, aquele monte de... — Ale fala.

Ela retruca, os dois se xingam e quase se batem, mas depois ele abaixa a cabeça e diz:

— Não está dando certo, né?

Paloma pega Ale pela mão e pede que ele vá junto com ela.

— A gente vai morrer se ficar aqui.

Ale pensa em Pero. Um tremor corre-lhe o corpo.

— Vai, vai...

Paloma chora.

# ANTES DE LONDRES

É o meio da noite e estão só os três, ouvindo a música muito alta no novo aparelho de CDs de Pero. Ele quase deixa escapar um pouco de tequila pelo canto da boca. Ale e Paloma pulam pela sala enquanto Pero praticamente não consegue se mexer no sofá.

Sente engulhos mas não consegue se levantar.

E dorme.



## EM LONDRES

Paloma pára no portão, com as malas na mão. Fica olhando pra porta que deixou pra trás, esperando que ela se abra. Um “adeus”, um “fique”, um “vai logo, caralho”, mas a porta não se abre. Ela começa a andar muito devagar pra dar tempo da porta se abrir, mas dobra a esquina e deixa tudo como esteve nos últimos meses para trás, exceto suas veias, que anseiam pela volta.

Três noites antes Ale se picou e ofereceu para ela. Ela quis vomitar, mas não aceitou, e disse que iria embora. Ele a encarou fixamente. Sentou-se e disse:

— Vamos pro interior.

— Não — ela disse —, vamos pra casa. Ele disse que ia ficar limpo e então eles voltavam para casa. Ela disse que ali nunca iam ficar limpos, que só arrumariam desculpa pra não ficar limpos, e que ela queria ir pra casa. Ele disse que o pai dela não a aceitaria de volta. Ela disse que ainda tinham onde ficar, Ale respondeu que ela deveria estar louca, que Pero nunca a receberia. Paloma falou que receberia, e que receberia

ele também.

Ficou um silêncio até que Ale falou que, se um dia ela passasse por Londres outra vez, fosse vê-lo, porque estaria limpo. Pediu que ela levasse alguma coisa dele. Então pegou um caco de vidro — que estava à mão — e, com ele, cortou um tufo de seu próprio cabelo:

— Leva isso com você — disse, e ela não soube dizer não, mas voltou depressa pro outro quarto.

Agora avançava em direção a Gatwick com quatro peças de roupa e um tufo de cabelo na sacola.



# AGORA

Três noites depois do regresso de Paloma, quando os dois viam, em silêncio, um programa na TV, ela disse que ia dormir e fez menção de ir pro quarto de Pero. Ele ficou olhando para ela, mas seu olhar não a acolheu como ela esperava. O que ele sentiu, não demonstrou. Mas, como sempre, Pero fez questão de fazê-la se sentir em casa.

Paloma então entrou no próprio quarto. Havia três mudas de roupas novas sobre sua cama. Uma delas sua mãe havia mandado às próprias expensas e em segredo de seu pai; outra, Pero lhe dera dizendo que fora de uma amiga — mas cheiravam a novas — e a terceira ela própria comprara com dinheiro emprestado de Pero.

E debaixo da cama uma outra muda: roupas velhas e um tufo de cabelo.



## EM LONDRES, NO COMEÇO

Paloma e Ale comemoravam a entrada triunfal em Londres. Ela havia se enganchado na cerca que protegia os pedestres e, com a mão esquerda — enquanto usava a direita para se equilibrar — tirou a foto. Era uma polaróide cedida por um casal de velhinhos gentis. Paloma e Ale sorriram para a lente, os dentes mais brancos do que o céu.

Chovia.



# AGORA

Ainda outro dia, enquanto esperava alguma empresa ligar sobre o anúncio de emprego, mexeu os papéis de Pero sobre a mesa e topou com os retratos perfeitos de Ale e dela própria, feitos a lápis, com cada detalhe dos dois rostos — cada um embaixo de um 'x' desenhado com grafite grosseiro, os riscos sulcando a folha até quase rasgar.

Nunca falou com Pero sobre aquilo.

# AGORA

Uma semana e meia depois do regresso, Pero perguntou a ela o seu antigo endereço em Londres. Ela perguntou por quê. Ele disse que pretendia escrever uma carta pro Ale. Ela ditou devagar o nome da rua e o número. Depois, foi deitar-se, enquanto Pero olhava pro papel em branco. Mais tarde, ela se levantou e o encontrou ainda escrevendo, palavra por palavra, bem devagar.

Ela nunca leu a carta e não sabe se Pero a enviou.



# ARLEQUINADA

“Minha Paloma:

Preciso escrever a você. Simplesmente preciso. Mas não sei o quê.

Bem, deixa eu ver.

Espero que você esteja feliz.

E, acredite, espero que o Ale esteja feliz.

Não tenho coragem de escrever para ele. Por isso, quero que você leia essa carta. Sei que você não vai dizer nada a ele. Não vai dizer que o perdôo por ter decidido, assim, na última hora, ficar no Brasil. E por ter ficado justamente com você, enquanto eu vim. E não vai dizer que eu sinto a falta dele. Mas diga apenas que, em algum lugar aí dentro, você sabe que eu sinto a falta dos dois, não importa como as coisas estejam agora.

O céu, era verdade, costuma ser cinzento por aqui. À noite eu me lembro das estrelas que víamos na praia, e do sítio em que eu apresentei vocês, e em como tudo era azul, inclusive a roupa do Ale.

Também pensei em ficar. Mas é que, quando vi vocês dois, sabia que não tinha mais volta.

E — mesmo — é bonito aqui. É muito bonito aqui.

Lembranças ao seu pai.

Pero.”



# COMMEDIA DELL'ARTE

*A Commedia dell'Arte, ou Arlequinada, surgiu após a Idade Média renovando a tradição teatral dos países centrais na Europa. Compunha-se geralmente de um trio de personagens principais: o Pierrô, vítima dos desencontros amorosos provocados por sua amada, a Colombina, por sua vez apaixonada pelo fútil e brincalhão Arlequim. Em volta dos três girava todo um grupo de personagens — o Pantaleão, a Pierrete, o Doutor, o Polichinelo.*

*Uma característica da Commedia dell'Arte, notoriamente na Inglaterra e nas províncias italianas, era que, antes do final da peça, os atores trocavam de fantasia. Talvez fosse uma sutil maneira de mostrar que a tragédia que se prenunciava para a vida dos personagens jamais obedeceria aos caprichos daquilo que se convencionou chamar — e que nunca se provou existir — destino.*

*Dada essa explicação, eis que você pode ler a última carta de Pero, escrita diretamente de Londres, com outros olhos...*

**FIM**



SONGS OF LOVE  
AND HATE

## SOBRE O CANTOR

Cantor, compositor, poeta, escritor, gênio. São muitos os adjetivos que podem definir Leonard Cohen, esse canadense nascido em 21 de setembro de 1934, em Montreal. De sua estréia na música, em 1967, com *Songs of Leonard Cohen*, até *Dear Heather*, de 2004, sua verve *folk* e sua poesia ligada à música encantaram milhares de fãs ao redor do mundo. Falando sempre sobre a condição humana, amores, tristeza e felicidade, Cohen consegue ser um mestre absoluto no que faz. *Songs of Love and Hate*, lançado em 1971, possui três canções campeãs em releituras - "Avalanche", "Famous Blue Raincoat" e "Joan of Arc".

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **SONGS OF LOVE AND HATE - LEONARD COHEN**

Design e Fotografia por Jonh Berg

Lançado em 1971

Selo: Columbia Records

Produzido por Bob Johnston

Para mais informações sobre o cantor, visite:

**<http://www.leonardcohen.com/>**

## **SOBRE O AUTOR**

Léo Bueno tem 34 anos e é jornalista de formação em Santo André, SP. Foi o segundo colocado no concurso Mapa Cultural Paulista de 2005, promovido pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, com o conto *Deja-vu*. Entretanto, não havia publicado nenhum livro até hoje. Mantém, sabe-se lá até quando, o *blog* O Corvo ([www.reporterdiario.com.br/blogs/ocorvo](http://www.reporterdiario.com.br/blogs/ocorvo)). Escreve letras, a maior parte em inglês, para as bandas paulistas Sufrágio e My New Device.

# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

# 36 SONGS OF LOVE AND HATE

LEONARD COHEN

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. AVALANCHE
2. LAST YEAR'S MAN
3. DRESS REHEARSAL RAG
4. DIAMONDS IN THE MINE
5. LOVE CALLS YOU BY YOUR NAME
6. FAMOUS BLUE RAINCOAT
7. SING ANOTHER SONG, BOYS
8. JOAN OF ARC

